



ISSN on-line: 2238-4170

<http://revistas.es.estacio.br/index.php/gestaocontemporanea>

Gestão Contemporânea, Vila Velha, v.7, n.1, p. 43-66, abr., 2017.

O MITO DO FUNDADOR: UM RELATO SOBRE O MUR NA UFES

Vanessa Carla de Freitas¹

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES – Brasil

RESUMO – O mito do fundador: um relato sobre MUR na UFES. Este trabalho teve por finalidade refletir sobre o mito do fundador do Ministério Universidades Renovadas no GOU Aliança com o Senhor da UFES, por meio dos conceitos de mito do fundador de Milena Chauí. Objetivou-se identificar como o mito do fundador do MUR influencia os participantes do GOU Aliança com o Senhor, da UFES, e para tal buscou-se identificar o que é o mito do fundador e sua relação com os membros do GOU. A metodologia de pesquisa utilizada foi a técnica da observação participante, com inspiração etnográfica, elaboração de diários de campo e entrevistas semiestruturadas com membros do movimento. Foi possível observar que o sonho, ele vai além do tempo de estudo dos participantes. Quando o membro do MUR sai da universidade e vai para o mercado de trabalho, leva os valores adquiridos durante o período de graduação para a sua vida profissional. A figura do fundador se mostrou importante nesse processo de preparação do universitário para vida profissional, atuando como um exemplo. O mito do fundador vai além da fundação do movimento, mas, se estende a cada membro e sua realidade. Sugere-se que em estudos futuros se realize um estudo empírico com membros e ex membros do MUR e se analise os efeitos na vida profissional do mito do fundador e o Sonho. Além disso, sugere-se investigar como a participação no movimento contribui para a formação profissional dos membros. Uma limitação, foi a impossibilidade da realização das entrevistas com todos os participantes de GOU's da universidade.

Palavras chaves: Comportamento Organizacional, mito do fundador, sonho, MUR

ABSTRACT –The myth of founder: a report about the MUR in UFES. This work aimed to reflect on the myth of the founder of the Ministry of Renewed Universities in the GOU Alliance with the Lord of UFES, through the concepts of myth of the founder of Milena Chauí. The objective was to identify how the myth of the founder of the MUR influences the participants of the GOU Alliance with the Lord, of the UFES, and to this end it sought to identify what is the myth of the founder and his relationship with the members of the GOU. The research methodology used was the technique of participant observation, with ethnographic inspiration, elaboration of field diaries and semi-structured interviews with members of the movement. It was possible to observe that the dream, it goes beyond the time of study of the participants. When the MUR member leaves the university and goes to the job market, he takes the values acquired during the graduation period into his professional life. The figure of the founder proved important in this process of preparing the university for professional life, acting as an example. The myth of the founder goes beyond the foundation of the movement, but extends to each member and its reality. It is suggested that in future studies an empirical study with members and former members of the MUR be carried out and the effects on the professional life of the founder's myth and the Dream be analyzed. In addition, it is suggested to investigate how participation in the movement contributes to the professional formation of the members. A limitation was the impossibility of conducting the interviews with all participants of the GOUs of the university.

Key words: Organizational behavior, founder of myth, dream, MUR.

¹ Graduada em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES).
E-mail: vcarladefreitas@gmail.com

INTRODUÇÃO

A vivência espiritual faz parte da subjetividade de algumas pessoas, para as quais a espiritualidade dá sentido as situações do cotidiano, transmitindo força, coragem e conforto em momentos de dificuldade física, mental, familiar, etc. Para alguns é vista como um relacionamento com Deus ou uma entidade considerada superior, que fornece significado, propósito, missão para vida do sujeito (FRESHMAN, 1999). No entanto, a vivência espiritual nem sempre está ligada a uma vivência religiosa, ou seja, a prática de ritos e ações embasados em uma crença. Segundo Pinto (2009) religião é a prática da vivência da espiritualidade. A espiritualidade é uma vontade do humano de encontrar sentido para a sua existência, através de concepções que vão além do tangível. Trata-se de uma ligação com algo que é maior que o próprio sujeito, o que pode ou não estar relacionado com uma prática religiosa (KOENIG; TITUS, 2004). A espiritualidade pode ser entendida como “aquilo que dá sentido à vida, e é um conceito mais amplo que religião, pois esta é uma expressão da espiritualidade” (SAAD, MASIERO; BATTISTELLA, 2001, p. 108). Neste trabalho a espiritualidade e religião possuem concepções distintas e não estão relacionadas.

A vivência da espiritualidade pode ocorrer de diversas formas, como: na igreja (de qualquer denominação), na família, na comunidade (bairro onde mora) e também em locais de trabalho (na organização), estudo (escola, faculdade, etc.). A escolha do local onde se viverá essa espiritualidade é individual, mas a vivência pode não o ser. Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), alguns alunos católicos, não católicos e profissionais a vivenciam por meio do Grupo de Oração Universitário (GOU), que acontece em vários locais da UFES em dias e horários diferentes. Os membros participantes desse movimento religioso católico estão ligados uns aos outros por meio do Ministério Universidades Renovadas (MUR), que dirige e orienta todos os GOU's do país e fora dele (EUA, Argentina, Bolívia, México, Itália). A cola que os une é o Sonho, que é a história da idealização desse movimento, assim como, o mito do seu fundador Fernando Galvani.

O problema que norteia este estudo é, Como o mito do Fundador influencia a vivência dos membros do Ministério Universidades Renovadas do Grupo de Oração Universitário Aliança com o Senhor da Universidade Federal do Espírito Santo? Desta forma, o objetivo central deste trabalho é identificar como o mito do fundador

do MUR influencia os participantes do GOU Aliança com o Senhor da UFES e identificar o que é o mito do fundador e sua relação com os membros do GOU. Para tal, utilizou-se a obra de Chauí (2000) no intuito de contextualizar o mito fundador. Paralelamente as contribuições de Eliade (1972); Lévi Strauss (1989); Rocha (1996); Campbell (1999); Valle (2001); Souza (2004); Henrique e Gomes (2005); Schmitt e Leal (2006); Mendes (2006); Ferreira et al. (2006); Rossato Neto (2008); Ferreira; Lourenço e Oliveira (2008); Pereira et al (2013); Lourenço e Oliveira (2008) e Xavier (2014), que também exploram a temática.

TRABALHANDO COM MITOS

Segundo Chauí (2000), ao trabalhar mitos, se está falando de uma narrativa imaginária para tensões, conflitos e contradições que não são resolvidos facilmente pela realidade. De acordo com Lévi-Strauss (1973), os mitos são usados para explicar fenômenos que são de difícil compreensão, astronômicos, meteorológico, etc. Para os gregos, os mitos estão em três níveis: o da coisa falada, o da coisa mostrada e da coisa desempenhada. Logo, o mito explica o sentimento nostálgico da alma que anseia separar-se da vida para cumprir seu destino no mundo (MENDES, 2006), são histórias que as pessoas criam para saciar o desejo de buscar uma verdade, um sentido, uma significação através dos tempos (CAMPBELL, 1986).

A função do mito é de explicar, interpretar, incorporar as novas realidades, o mito é como uma testemunha de um acontecimento, e uma interpretação posterior desse acontecimento (ROSSATO NETO, 2008). Na criação dos mitos há uma transformação dos fatos comuns, que adquirem significados específicos e são compartilhados por um grupo de pessoas (VALLE, 2001). A linguagem tem um papel importante na construção e transmissão dos mitos, é pela linguagem que os mitos são propagados, o mito pertence ao discurso (ROSSATO NETO, 2008). “A substância do mito não é o estilo, nem a narração, nem a sintaxe, mas a história que é contada” (LÉVY-STRAUSS, 1973, p. 225) e normalmente, contada verbalmente, na família, no trabalho, na rua, no convívio social. O mito é uma reescrita, feita por meio de símbolos da oralidade, que já estavam escritos ou inscritos num conjunto de interpretações de próprias, dos outros, do universo (VALLE, 2001). Apesar de

manter suas raízes, ao ser contado o mito sofre pequenas alterações, ganhando elementos novos, uma ênfase diferenciada, mais ainda fiel aos pontos centrais.

Para Campbell (1986), cada pessoa deve encontrar dentro de si o mito que se encaixe com a sua vida. Para o autor, os mitos têm quatro funções: a mística que fala da maravilha que é o universo, o mistério que se manifesta através de todas as coisas, logo, é uma pintura sagrada, a cósmica, que é aquela com a qual a ciência se ocupa e a social, onde os mitos variam de lugar para lugar. É essa função social do mito que governa nosso mundo, mas ela está desatualizada (CAMPBELL, 1986). Os mitos estão ligados à cultura, ao tempo e o espaço, precisam ser mantidos vivos, em uma constante recriação por meio das artes, da vida cotidiana (CAMPBELL, 1986). Dessa forma, o que importa não é o valor de verdade ou falsidade do mito, mas sim o papel que ele exerce em sua comunidade de origem (MENDES, 2006). Portanto, o mito não se torna edificante a menos que este faça parte da cultura de uma comunidade, o mito é uma experiência coletiva (ROCHA, 1996), é um sistema explicativo que apresenta razões e lança luz sobre as coisas, que passam de um estado para o outro (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2008) que é contado e vivido em outras gerações, e tida como verdadeiro.

O mito é atemporal, tem a subjetividade como plano de interpretação (SOUZA, 2004). Sendo a subjetividade como a forma pela qual as pessoas constroem significados para o mundo através dos condicionamentos políticos, sociais, econômicos, entre outros, expressados através de discurso (JARAMILHO, 2013). O mito permite que se compreenda o tangível e o intangível, e conta a forma como as coisas tomaram forma (ELIADE, 1972). Um mito ao ser interpretado é como o reflexo no espelho (ROSSATO NETO, 2008). O mito é inserido na subjetividade daqueles que o compreendem, que o usam como lente para perceber a realidade (SILVA, 2008), é complexo, pode ser visto por meio perspectivas variadas e algumas vezes complementares (HENRIQUE; GOMES, 2005), posto que os sujeitos possuem elementos distintos que os constituem. O mito se deixa eternamente interpretar, e aos poucos torna-se um novo mito (ROSSATO NETO, 2008), da mesma forma como a subjetividade está em um processo constante de transformação.

O mito como conceito, conta uma história sagrada de acontecimentos ocorridos. Portanto, o mito narra às façanhas de entes sobrenaturais, do Cosmo, do

comportamento das pessoas (ELIADE, 1972). Os mitos revelam e descrevem as diversas situações cotidianas e sobrenaturais, de modo especial norteiam valores como o trabalho, a educação, a arte, expressões comportamento humano (SILVA, 2008). Ter acesso aos mitos, é como ter acesso a origem das coisas, o que não se trata somente de histórias sobre origem das coisas, mas de como mantê-las vivas na atualidade (ELIADE, 1972). Ao mesmo tempo, não se trata de uma verdade nem de uma mentira, mas sim de uma interpretação. Logo, viver no mito é aceitar uma ilusão comunicada, idealizada, mistificada (SCHMITT; LEAL, 2006).

O mito pode ser entendido como crenças compartilhadas e aceitas sem que se pergunte ou duvide de sua veracidade (HENRIQUE; GOMES, 2005). O mito exerce uma atração naquele que acredita, que tende a seguir suas orientações. Nesse contexto, o mito pode explicar fenômenos, atribuir significado a situações, contar uma história sobre o surgimento de alguma coisa, como o fundador que torna-se um mito com o passar do tempo para os membros de uma instituição, comunidade, empresa. No próximo tópico aborda-se as concepções sobre mito fundador.

MITO (DO) FUNDADOR

Segundo Chauí (2000), quando se pensa em um mito do fundador, se associa a ideia de uma origem, ou seja, uma história que conta o início de algo, é como um passado que nunca se perde na memória, que se mantém vivo eternamente, ou seja, atemporal. Ainda segundo a autora, ao se falar em mitos também nos referimos a acepção psicanalítica, ou seja, ao impulso de repetição do que foi contado no mito, que impede a compreensão da realidade e dificulta a reação as questões da vida real. O mito do fundador sempre encontra novas maneiras de se espalhar, novas maneiras de ser contado, novos valores e ideias, ao ponto que ao se tornar ou parecer outra coisa, torna-se uma réplica de si mesmo (CHAUÍ, 2000).

“O período da fundação é de suma importância, pois a cena fundante torna-se um mito composto de sentido que compreende o passado e conseqüentemente atribui um sentido à origem” (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2008, p. 09). Segundo Chauí (2000) o momento do nascimento de uma instituição, de um movimento, não se restringe ao marco histórico, por exemplo uma data, mas expande por toda a sua

duração e coloca em destaque o que há de extraordinário no processo de nascimento do movimento, da instituição, etc. Daí se pensar que o processo de fundação é um mito, pois é a partir desse acontecimento que, valores, ideologias, influenciarão a vida daqueles que acreditam no mito, ganhando importância, forma e se perpetuando e transformando ao longo do tempo. (CHAUÍ, 2000).

O mito do fundador, é carregado de aspectos simbólicos, que o tornam especial e reforça sua importância (SCHMITT; LEAL, 2006). Por trás do mito fundador há o desejo de manter viva a origem daquela instituição, movimento, etc., não deixar que os valores e ideias do fundador se percam ao longo do tempo (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2008; XAVIER, 2014). Vale ressaltar, que os valores do fundador bem com suas ações contribuem para a formação de identidade do movimento, instituição. Assim, o mito do fundador tem por objetivo principal criar a cultura, que é embasada no próprio fundador, e reforçada pelos seus sucessores (PEREIRA ET AL, 2013), o que é de suma importância para a sobrevivência da cultura e do mito. O mito do fundador está presente na mente da geração presente e futura por meio das histórias contadas (FERREIRA ET AL. 2006).

A pessoa do fundador está marcada na memória das instituições, dos movimentos, das pessoas e em alguns casos é associada a figura de um herói, constituindo assim o mito (LOURENÇO; FERREIRA, 2012). O mito do fundador é a sustentação da cultura, representa um ideal a ser alcançado, alguém a ser imitado (ALMEIDA; COUTO; LOPES, 2013). No mito do fundador como herói há uma carga emocional, o de ser visto como um exemplo de superação, um exemplo de honra no qual as pessoas buscam se espelhar (LOURENÇO; FERREIRA, 2012). Schmitt; Leal (2006), Lourenço; Ferreira (2012), Ferreira, Lourenço; Oliveira (2008), Ferreira et al (2006), dizem que um fundador torna-se um mito somente após sua morte, quando se torna uma memória, um referencial.

O NASCER DE UM MITO

A história do Ministério Universidades Renovadas (MUR) começou em fevereiro de 1994, no SEARA, encontro aberto de carnaval que acontece todos os anos na Universidade Federal de Viçosa (UFV) em Minas Gerais. Promovido pela Renovação Carismática Católica (RCC), o evento reúne anualmente, cerca de sete mil pessoas de todo o país (MUR, 2016). A RCC de Viçosa, assim como a RCC

internacional, nasceu em uma universidade em 1981. A RCC internacional teve sua origem, segundo a tradição, na Universidade de Duquesne (EUA), fundada por estudantes que estavam reunidos para participar de um retiro, e receberam pela primeira vez o batismo no Espírito Santo (MUR, 2016).

O MUR nasceu de um Sonho que foi depositado no coração do universitário do curso de veterinária, Fernando Galvani, doravante chamado Mococa, num momento de oração em que observava um quadro da cidade de Jerusalém em seu quarto na UFV (MUR, 2016). Ele lê uma passagem bíblica de Atos 5: 28 (Livro de Atos, capítulo 5, versículo 28), que é a moção (orientação dada por Deus) do Espírito Santo para o MUR e o início de um plano de amor de Deus para com os estudantes e futuros profissionais daquela universidade (MUR, 2016). No mesmo ano, Mococa contou este sonho a outros membros da RCC em um seminário denominado “A RCC e a Universidade” durante o SEARA, onde havia universitários de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, que voltaram para suas localidades com a intenção de fundar Grupos de Oração Universitários, tendo por motivação transformar suas realidades através da experiência de Deus pela ação do Espírito Santo (MUR, 2016).

Segundo Santos (2012), até 1998 o movimento se chamava Projeto Universidades Renovadas (PUR), quando o conselho nacional da RCC decidiu torna-lo uma secretaria de serviço da Ofensiva Nacional. Mais tarde se tornou a secretária Lucas, nome recebido devido a tradição dizer que São Lucas foi o discípulo que mais estudou em sua época, e era médico (SANTOS, 2012). O que se assemelha com o que se entende por um universitário, o que criou uma tradição de chamar aqueles que participam do movimento de Luquinhas (MUR, 2016).

Diante do exposto acima, no próximo tópico apresenta se o fundador do movimento, através do artigo de Ariana Virginia Pereira, “*Há Fé na Terra da Razão: Livro reportagem sobre o Projeto Universidades Renovadas*” a respeito dos 10 anos do movimento.

O FUNDADOR

Segundo Pereira (2003), quando Mococa é aprovado para o curso de Medicina Veterinária na UFV, ele já possuía características de uma pessoa

marcante. Sua entrada na universidade não foi de primeira, ele havia tentado outras vezes, foi a partir daí que ele encontrou o grupo de oração da universidade, que ainda não pertencia ao MUR, era um movimento anterior (PEREIRA, 2003). O Mococa se envolveu com a RCC em Viçosa, e como o movimento estava em expansão e divulgação, ele foi se formando como membro do movimento, sem nenhuma perspectiva de fundar o MUR. Mococa tinha a pretensão se de formar na área de inseminação (atualmente atua nessa área) e ser bem sucedido na profissão. Em 1990, depois de uma conversa com um bispo, muda seus planos (PEREIRA, 2003).

Ao relembrar o impacto que as palavras do bispo causaram em seu interior, Mococa animado disse que mudou a sua vida da água para o vinho. A interpretação social da Palavra de Deus mudou a história da sua vida. Como fundador do MUR Fernando Galvani sempre se preocupou com a função social que os universitários têm de exercer. Aliada à preocupação social, havia também a questão espiritual, pois ambos devem caminhar lado a lado, na visão de Fernando (PEREIRA, 2003, p. 06).

O MUR veio contribuir para uma nova visão do que é a RCC, tirando a imagem de uma organização fechada, uma outra Igreja Católica, composta por pessoas bitoladas, ultrapassadas, sem criticidade, mas como profissionais capacitados, reflexivos que antes de crer por crer, pensam (PEREIRA, 2003). O documento Fé e Razão (*FIDES ET RATIO*) do Papa João Paulo II, convida a Igreja a pensar antes de crer, ter uma fé pensante e não se deixar enganar pela falta de conhecimento e reflexão (JOÃO PAULO II, 1998). No próximo tópico aborda-se os GOU's que são os locais onde os universitários se reúnem para viverem o sonho idealizado pelo Mococa.

GOU (GRUPO DE ORAÇÃO UNIVERSITÁRIO)

O GOU é uma célula fundamental da RCC e é o centro das atividades do MUR. Trata-se da reunião de universitários católicos carismáticos, que se reúnem para a realização de um rito religioso, envolvendo oração, compartilhamento de experiências e conhecimentos, e a experiência do batismo no Espírito (MUR, 2016).

O movimento entende que os GOU's formam os seus membros para serem pessoas e cidadãos melhores, ao exercerem suas profissões a luz dos preceitos aprendidos no movimento (MUR, 2016).

Atualmente esse movimento conta com 500 GOU's e 40 GPPs (Grupo de Partilha e Perseverança, não irei trabalhar os GPPs) espalhados pelo Brasil e por outros países da América e Europa (Bolívia, Argentina, México, Chile, EUA, Honduras e Itália) (MUR, 2016). O GOU é o local do primeiro encontro dos membros com o movimento, eles não são convidados a serem do MUR, mas sim do GOU. É lá que as primeiras diretrizes do movimento serão transmitidas aos ingressantes, muitas vezes a participação no movimento se dá devido a amizade que as pessoas criam entre si, que faz com que o universitário volte na semana seguinte e aos poucos vá se entrosando no movimento.

No livro escrito pela jornalista, professora universitária e precursora do ministério Ivná Sá dos Santos, com o título "Dai-lhe vós mesmos de comer" cuja 2ª edição foi lançada em 2012, conta com detalhes a história dos GOU's, da fundação do MUR (MUR, 2016). No próximo tópico apresenta se o GOU onde este estudo foi realizado.

GOU ALIANÇA COM O SENHOR - UFES

O GOU pesquisado é o mais velho da UFES e do Estado do Espírito Santo, foi o primeiro, conforme contado pelos membros do movimento, e no último dia 07 de junho completou 21 anos. Depois dele outros GOU's surgiram na UFES e nas Faculdades Particulares do ES. Seu início foi em 07 de junho de 1995, começou com 4 pessoas, Renato Magnago, Fabiana Ramos, Humberto Soneghet e Ulla Mila. A Ulla era amiga da Ivná Sá que conforme ela diz no livro a pentelhou para ir ao workshop do SEARA de 1994 intitulado "RCC e Universidade", organizado pelo nosso querido Mococa (apelido do Fernando Galvani) e a galera de Viçosa (CAMPOS *apud* MIRANDA, 2010).

Neste momento participam desse GOU 5 pessoas, os chamados servos, que são as pessoas que se dedicam a preparar o GOU toda semana, vendo questões como limpeza da sala, músicas, tema, pregadores e o que mais precisar. Meu contado no GOU, foi o então coordenador, que chamarei de C1, que tem a

responsabilidade de representar o GOU na Diocese (reunião de municípios que são administrados pelo bispo).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, que segundo Neves (1996) não está interessada no desenvolvimento, nem em medir os acontecimentos, não utiliza métodos estatísticos, mas se dedica a entender as situações através das perspectivas estudadas. Ainda segundo o autor, interessasse por responder o porquê de uma situação ocorrer, não utilizando para isso de instrumentos estatísticos (NEVES, 1996). O estudo é inspirado no método etnográfico que segundo Cavedon (2003) permite ao pesquisador levantar informações sobre um determinado grupo, objetivando compreendê-los pelos olhos do nativo, dos membros.

Foi realizada observação participante, que segundo Flick (2004), o pesquisador se envolve por completo com o campo, busca observar os acontecimentos com base nas perspectivas do nativo, do membro do grupo estudado. Sendo, portanto, um método onde o pesquisador se insere no cotidiano do pesquisado, realiza as mesmas atividades que os pesquisados, pretendendo assim, conseguir entender o ambiente em seu estado mais profundo (DOS SANTOS, 2004). De acordo com Denzin (1972), a observação participante coloca o pesquisador em posição de interagir com as situações do cotidiano dos pesquisados, perceber e compreender as relações que se desenvolvem no ambiente. É um método que busca entender o mundo do outro através da inserção neste mundo. Segundo Cavedon (2003), seria um processo de aculturação pelo qual o pesquisador passa, permitindo ao que realiza a pesquisa perceber o inconsciente que ordena o universo do grupo, “[...] de modo a recriar a totalidade vivida pelos membros da organização investigada e apreendida pela intuição do pesquisador” (CAVEDON, 2003, p. 147).

Durante a observação de campo, realizou-se a elaboração de diários de campo, documento escrito pelo observador relatando detalhadamente o que causou estranheza, admiração, dúvida, e tantas outras impressões, sentimentos durante a observação do campo. Segundo Geertz (1989), é o processo de relatar detalhadamente, minuciosamente cada elemento visto, percebido, sentido, durante o

processo de observação do campo, é um interpretar com estranhamento tudo o que se viveu naquele momento. A descrição densa tem por finalidade apresentar de modo minucioso, os significados que os grupos estudados atribuem ao seu contexto social particular, preocupando-se em descrever o que aconteceu e interpretando o seu porquê, mas também buscando evitar que a sua presença afete o comportamento dos pesquisados, busca se tornar parte do grupo, mas consciente, que na realidade ele não é do grupo (CHO; TRENT, 2006). O diário de campo deve ser feito em todos os dias de observação, para que haja um detalhamento consistente das situações ocorridas e as minúcias dos discursos dos sujeitos observados (DE LIMA, MIOTO; DAL PRÁ, 2007). O diário de campo, segundo Dalla Chiesa e Fantinel (2014), é a forma mais usual e bem quista de registro do processo de observação participante.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que de acordo com Gaskell (2002), fornecem os dados mínimos para a compreensão do estudo realizado, possibilitando um entendimento das crenças, percepções, comportamentos presentes naquele grupo. De acordo com Zanelli (2009), a entrevista possibilita obter maiores informações, visto que além do discurso falado, há a possibilidade de analisar elementos gestuais. Ainda segundo o autor, é recomendado quando se busca entender ou obter informações mais complexas, como opiniões, sentimentos, comportamentos, além de oferecer ao entrevistado maior autonomia durante a entrevista, sendo permitido realizar pausas em momentos de maior constrangimento ou paralisar a entrevista, caso o desconforto seja grande. Uma característica da entrevista semiestruturada é que as perguntas não são fechadas, não é uma sequência fixa, mas livre, como uma conversa. O que não quer dizer, que o pesquisador não tenha nenhum controle, é preciso que o pesquisador esteja preparado para conduzir a entrevista, tenha as informações necessárias, mantenha o foco da pesquisa (GIL, 2008).

Os dados foram coletados por meio de visitas ao campo, no período de 14/05 a 18/06. O pesquisador participou somente nas reuniões públicas do GOU, ou seja, toda quinta-feira, não teve acesso às reuniões de preparação do GOU. No dia 21/05 realizou-se a entrevista com C1 um pouco antes do GOU, o pesquisador preparou algumas perguntas chaves, a entrevista não foi gravada, pois C1 apresentou um

certo desconforto com a possibilidade da gravação. As anotações não foram feitas durante o GOU, pois poderia atrapalhar a observação. O diário de campo foi feito logo após o pesquisador sair do campo.

A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo temática da Bardin (1977). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise da comunicação, que objetiva descrever e interpretar as mensagens contidas em documentos e textos, permitindo que o pesquisador analise o que foi dito ou observado mais profundamente (BARDIN, 1977). Ainda segundo a autora, análise de conteúdo temática utiliza sentenças, frases, parágrafos, etc., como unidades de registros. As unidades de registros temáticas são recortes do texto, que evidenciam um tema de forma explícita ou implícita, os quais são agrupados por características comuns, formando categorias (BARDIN, 1977).

Nos próximo tópico são apresentados as categorias resultantes da análise dos dados, a saber: os caminhos que levam ao GOU; O Sonho; A vivência do Sonho. Destaca-se a relevância da categoria O Sonho, cujo o compartilhamento norteia o movimento, o fortalecer e perpetua o mito do fundador.

OS CAMINHOS QUE LEVAM AO GOU

Apesar dos 21 anos de existência, não há nenhuma sinalização de onde fica a capela, o GOU ou a Missa, que acontece toda terça-feira, celebrada por um Padre Doutor e Professor do departamento de Filosofia. Como a autora já havia estado no local, conseguiu chegar até o prédio do Centro de Vivência, local de difícil localização, pois fica entre a lanchonete do cinema e o local de vendas de passagens de ônibus, nesse local escuro fica uma escada que dá acesso ao segundo andar, onde existem muitas salas de grupos de extensão, mas nenhuma sinalização.

[...] no final desse corredor de salas do lado esquerdo, havia uma sala com parede de vidro cheio de panfletos de várias religiões, entre eles um do próprio grupo de oração e outro dos outros grupos religiosos da UFES. Dentro da sala havia uma pintura feita a mão de nuvens azuis e um crucifixo de vidro que se iluminava, que estava apagado, uma mesa em mármore e pernas de ferro e uma mesa menor com toalha de mesa xadrez

de plástico, um baú de madeira, nessa sala há muitos armários de tamanho e cores diferentes (NOTAS DE CAMPO).

A capela universitária, de acordo com os frequentadores, não mudou nada nos últimos anos. Apesar do GOU acontecer na UFES e à primeira vista pareça que só vão os estudantes da universidade, como a UFES é aberta ao público, ex-alunos, pessoas que nunca estudaram lá, alunos de outras universidades tem acesso, em um dos GOU's a pessoa que "iria fazer a palestra que no GOU recebe o nome de pregação [...] se apresentou, falou que seu nome e que já era formada em química pela FAESA, e que participava do GOU de lá" (NOTA DE CAMPO).

As pessoas chegam ao GOU por caminhos diversos, alguns chegaram lá porque estavam procurando a missa, porque viram algum cartaz de divulgação, porque algum amigo convidou, porque foram em alguma sala no prédio onde acontece o GOU. Há pessoas que vão só uma vez, algumas vão mais vezes e outras se fixam, a minha entrevistada disse que:

Eu já tinha sido convidada para participar por uma monitora de estatística que a atendia no início da graduação, "mas eu nunca tinha sentido vontade de ir, no início do meu curso de química eu fiquei doente e fiquei um tempo longe da UFES" (ENTREVISTADA C1).

C1 disse que precisou ficar um tempo fora da UFES, por questões de saúde. Quando voltou, uma amiga lhe falou do GOU e ela e sua mãe foram e participaram o grupo de oração, que tinha sido campal, C1 disse:

[...] a primeira coisa que notei foi em uma menina que estava de maquiagem forte, vestidinho e sapatinho de onça, que tinha uma moça com uniforme da Arcelor, outro de outro jeito, as pessoas eram diferentes umas das outras, achei estranho e não os conhecia, mas me acolheram como se conhecessem. Eu fui para o GOU pela dor [...] no início eu ia obrigada [...] foi natural com o tempo fui me sentindo parte e comecei a ir pela experiência com Deus que fui tendo [...] antes disso eu não estava mais indo à missa, minha relação com Deus estava ruim, fechada, e com a frequência no GOU eu comecei a ir novamente. (ENTREVISTADA C1).

Nas falas anteriores, foi possível notar que são várias as histórias que compõem esse GOU, não foram apresentadas todas as conversas com os frequentadores em detalhes. No entanto, nessas conversas de corredores, o pesquisador pode ter uma noção da importância do grupo de oração na vida dessas pessoas. Um ponto recorrente nas falas dos participantes, foi que o objetivo maior do GOU é a vivência do Sonho, a construção da civilização do amor, que é um

elemento que orienta a vida dos participantes do MUR e especialmente neste estudo dos participantes do GOU Aliança com o Senhor da UFES.

O SONHO

Nas observações foi possível perceber, que há um preceito maior que atrai as pessoas, e motiva a fazer parte do movimento religioso, é o chamado Sonho. O sonho é expresso de modos diferentes, para o entrevistado C1, o Sonho é “[...] é o objetivo do MUR, é encher as universidades com a doutrina de Jesus, é um Sonho de amor para o mundo” (ENTREVISTADA C1). O Sonho é apresentado no site institucional como, a história de quando o Mococa em 1994 refletia a passagem bíblica de Atos 5:28 (Já explicado anteriormente em O Nascer de um Mito), o texto bíblico apresenta a capital religiosa da época, repleta da doutrina de Deus, apesar das dificuldades e perseguições que os que professam fé no Cristo viviam (MUR, 2016).

Ainda segundo o site, quando Mococa estava pensando sobre a passagem bíblica, ele fez um comparativo da situação narrada no trecho com a realidade universitária, onde também os estudantes com alguma visão religiosa sofrem perseguições, como os discípulos da época de Jesus. É nesse momento que nasce o sonho, que consiste em impregnar as universidades do amor de Deus e muito mais que isso, ver todas as universidades renovadas (MUR, 2016). De acordo com Santos (2012) o resultado final esperado pelo movimento, é a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, construída a partir de homens novos, guiados por meio da luz do Evangelho e repletos do Espírito Santo de Deus, que ao assumirem seus lugares na sociedade sejam governantes e pessoas de autoridade diferenciados, pois é comum que pessoas constituídas em poder passem pelas universidades.

A partir das ideias que constituem o sonho, foram cunhados os pressupostos norteadores: 1. Imaginar a sua universidade cheia do amor de Deus. 2. Pensar em seus colegas também com você no GOU. 3. Os profissionais da universidade também experimentando o evangelho. 4. Seu trabalho e dos seus colegas e todos os profissionais guiados pela ética e pelos ensinamentos de Jesus (SANTOS, 2012). De acordo com C1, a história do Sonho é contada nos GOU's, nos encontros diocesanos com todos os GOU's da diocese, nas conversas informais, é

constantemente reforçado para que os já são membros, transmitido para os que estando ingressando. E sua extensão vai além tempo de estudante na universidade.

A VIVÊNCIA DO SONHO

O Sonho é um elemento idealizado pelo fundador, que conjuntamente com o mito do fundador, orienta, guia a vida dos participantes, é através dele que os membros se unem, por meio das ações, dos relacionamentos, da vida profissional. O Sonho é a cola que os une. Não importa quanto tempo de participação do movimento, quando tempo faz que se saiu, o Sonho tende a ser algo vivo na memória dos seus participantes. Como dito por Mendes (2006) o mais importante nos mitos não é o seu valor de verdade ou falsidade, mas sim o papel que ele exerce em sua comunidade de origem, e o papel do sonho nessa comunidade é muito forte. Há também a necessidade de não se deixar perder a sua essência, é uma preocupação dos seus membros, conforme dito por um participante durante uma conversa após o GOU:

[...] o mais engraçado do sonho é que ele é igual brigadeiro, em toda festa ele está. Todo encontro do MUR tem uma pregação do sonho com o Mococa ou sem ele, todo evento que o MUR participa tem um momento para falar do sonho, essa é uma preocupação nossa não deixar a essência do sonho morrer (NOTAS DE CAMPO)

O Sonho, a partir do entendimento de Silva (2008), pode ser entendido como uma bússola que orienta, dá direção para a vida profissional, educacional, familiar, afetivas dos participantes do MUR. A vivência do Sonho leva o membro a buscar ser um profissional mais dedicado, uma pessoa melhor “[...] ajuda a ser um profissional melhor, me apresentam valores que me ajudam a ser melhor” (ENTREVISTADA C1).

Porém, a vivência dos valores do Sonho, dentro e fora do ambiente do GOU, é diferenciado. Como qualquer pessoa os membros do MUR estão sujeitos a dias de mau humor, divergência de ideias. Fora do grupo de oração, os membros lidam com a diferença religiosa, social e a cobrança de ter uma postura alinhada com os ideais do MUR. Um dos entrevistados disse que uma das coisas que o entristece na vivência do movimento são “[...] as pequenas intrigas entre as pessoas, eu entendo que na Igreja as pessoas são normais, mas essas intrigas podem chegar aos ouvidos dos novos e isso pode manchar a imagem do MUR” (ENTREVISTADA C1).

Como o mito comunica uma história que não está preocupada em ser real, vive-lo no cotidiano, seguir os preceitos que o compõe, se mostra uma tarefa difícil. “Já que objetivo é ser pessoas melhores, amorosas, a imagem que as pessoas se estranham, se aborrecem e discutem, para C1 pode ser contraditório, algo que colocaria a ‘verdade’ do movimento em cheque (NOTAS DE CAMPO)”. É percebido que o Sonho não é a mesma coisa dentro e fora do GOU, no ambiente do GOU as pessoas se sentem à vontade para viver e expressar sua espiritualidade e crer nesse ideal de civilização do amor, “[...] mais no dia a dia na universidade, isso fica mais guardado na mochila” (NOTAS DE CAMPO).

Apesar do esforço dos membros do MUR de manter o mito vivo, na vida real o mito sofre transformações, apesar de ser atemporal, o mito não é imutável. Segundo Souza (2014), o mito está sujeito à interpretação das pessoas, da subjetividade das pessoas. Por isso, o mito, em si mesmo, não é uma garantia de bondade, nem de moral, mas sua função é revelar os modelos e dar sentido ao mundo e à existência humana, fornecendo ideais de realidade, de valor, de transcendência (ELIADE, 1972). O mito não garante, que ouvir e crer na história basta para que os membros desse movimento consigam vivê-lo em todo o momento, afinal, não deixaram de ser humanos e suscetíveis a erros.

A presença da figura do Fundador, ajuda na manutenção do mito no GOU, como C1 relatou,

[...] o Mococa esteve em Vitória em janeiro de 2013 e foi muito bom tê-lo aqui, ele viveu o Sonho e nos passou o que realmente é o Sonho, ele é duro nas palavras mais ele tem autoridade para falar. C1 disse que eles se sentiram muito felizes e agraciados com a sua presença. C1 também contou que continua se correspondendo com o Mococa por e-mail. “Sempre que preciso de um conselho sobre o que fazer com o GOU converso com ele (via e-mail), ele pode me ajudar né, ele conhece essa dificuldade” (NOTAS DE CAMPO).

Em sua fala, C1 se refere ao Mococa como um amigo, uma pessoa que lhe é próxima, não porque o viu pessoalmente, mas pelo fato dele ter fundado o movimento, ter passado por experiências parecidas, e com isso há um sentimento de admiração, carinho, afeição, pela pessoa do fundador. Schmitt e Leal (2006), falam desse vínculo entre o fundador e o membro do movimento, da instituição pela admiração, pela consideração e pelo amor, que une a comunidade por meio da história fundante e provoca uma identificação entre os membros.

Chauí (2000), diz que o mito do fundador é atemporal, o sonho tem essa característica, se adapta a realidade de cada universidade, pública ou privada, faculdades, Institutos Federais, países, línguas, pessoas, e em todos esses contextos o Sonho mante-se fiel a suas características fundantes, “Sempre que preciso de um conselho sobre o que fazer com o GOU conversei com o Mococa (via e-mail), ele pode me ajudar né, ele conhece essa dificuldade” (NOTAS DE CAMPO). O Mococa como fundador tem grande relevância na vida dos membros, que o tem como um membro de grande estima, uma pessoa iluminada, um exemplo a ser seguido, que consiste em uma característica do mito do fundador, conforme nos disse Lourenço e Ferreira (2012), chegando muitas a ser percebido como uma espécie de herói.

No entanto, o Sonho em algum momento é entendido separado do Mococa, e assume a face da local, faculdade onde o GOU acontece. O mito é tido como um norte e uma motivação, todos os membros são guiados por essa motivação. “O mundo está precisando de pessoas comprometidas, o mundo está cheio de coisas ruins e precisa de pessoas melhores” (ENTREVISTADO C1). O Sonho é uma forma que essas pessoas encontraram de ser e colaborar na formação de pessoas melhores, mais comprometidas com um bem comum, na construção de um mundo melhor. O lema do movimento é “Universidades Renovadas um Sonho de amor para o mundo” (MUR, 2016). O Sonho, é o de um mundo guiado pelo amor, que não se realiza pela força, mais pela conquista dos ‘corações’, conforme dito por C1:

[...] em outro momento da entrevista, C1 disse que no seu curso respeita a opinião e as ações das pessoas, e deseja o mesmo para si. C1 disse que não pode impor a sua religião a ninguém, mas que ser evangelizado ajuda a ser um profissional melhor, apresenta valores que o ajudam a ser melhor (NOTAS DE CAMPO).

O sonho não é pensado como algo fechado aos participantes do movimento, os católicos, cristãos etc., como dito por uma moça que estava no GOU:

A ideia é abranger, englobar a todo mundo, não é um sonho do Mococa, da Ivná, em benefícios dos Luquinhas, da RCC, é para o mundo todo, porque não pode haver um mundo novo cheio de justiça e da graça de Deus, isolado do restante do mundo. Ninguém pode ser feliz sozinho, para ser feliz se precisa que aqueles à nossa volta estejam felizes também, e esse sonho de amor é para todo mundo e para todo mundo junto (NOTAS DE CAMPO).

É para o brasileiro, o estrangeiro, o funcionário da universidade, para o aluno,

conforme dito por C1 anteriormente, as pessoas que vão ao GOU da Capela da UFES são muito diferentes umas das outras, exatamente como o Mococa desejava e incentiva aos membros do MUR a se acolhere independente das diferenças de cada um (PEREIRA, 2003).

[...]Fizeram o momento de oração por ele, ele meio que se ajoelhou, pois um dos joelhos estava machucado e não pode colocá-lo no chão, depois da oração todos sentamos e ele começou se apresentando, notei que como ele é de Guiné o seu português tem sotaque francês e algumas palavras durante a pregação eram de difícil compreensão, percebi também que para ele organizar as ideias não era fácil, ele as vezes falava a mesma coisa algumas vezes tive a impressão que ele ainda estava buscando a expressão que melhor traduziria as coisas que ele estava dizendo (NOTAS DE CAMPO).

O povo desse GOU é bem eclético no que diz respeito à moda, mas não usam nada sacro, são completamente diferentes um dos outros, é contadora com a roupa mais formal do trabalho, os músicos com vestes mais alternativas (fora do jeans e camiseta, mas saíões coloridos, cabelos coloridos, cordões com grandes pedras nas pontas, cabelo comprido ao melhor estilo roqueiro), a química de roupas confortáveis (tênis, camiseta do curso e jeans) e por ai vai, cada um com características peculiares e juntos pelo sonho (NOTAS DE CAMPO).

Rocha (1996) diz que, o mito tem o poder de unir em uma mesma comunidade pessoas muito diferentes, que o mito é um trajeto coletivo. O compartilhamento das mesmas particularidade e dificuldade que os membros dos GOU's pelo fundador, favorece a vivência dos ideais do movimento, sem perder a individualidade, mas de formas completamente diferentes. Silva (2008), corrobora com essa ideia, o mito une pessoas distintas, visto que o mito está introduzido na subjetividade daqueles que o compreendem. Nos participantes do GOU da Capela, o mito do fundador, o sonho é como uma lente que os membros usam para perceber a realidade (SILVA, 2008), que por sua vez é complexa, porque envolve muitas perspectivas, dimensões distintas que compõem realidades particulares (HENRIQUE; GOMES, 2005). O mito fundador do MUR tem essa característica, unir pessoas completamente diferentes em um único ideal, não só no tempo da faculdade, mas, ao longo de toda a vida.

Diferente do que a literatura apresenta, ao dizer que um mito só nasce depois da morte do fundador (SCHMITT; LEAL (2006), LOURENÇO; FERREIRA (2012), LOURENÇO; OLIVEIRA (2008), FERREIRA ET AL (2006)). Com o fundador do MUR não procedeu assim, o fundador não se tornou um mito após sua morte, mas, ainda em vida. O mito do Fundador do MUR, o Mococa, já é narrado pelos seus membros, nos GOU's e em cada pregação do Sonho. Essa característica não é

exclusividade do MUR, é uma característica da RCC no mundo, membros como a Beth Manfield (que estava no retiro que deu início a RCC no mundo) estão vivos e já são mitos.

No Brasil, os fundadores de comunidade de vida (pessoas que moram no mesmo local, seguem normas específicas daquela comunidade, normalmente essas normas são confeccionadas pelo fundador, que em alguns é tido como uma pessoa muito iluminada, próxima de Deus) como da Canção Nova (Monsenhor Jonas Abib) de São Paulo e Comunidade Água Viva (Raquel Campeter) de Vitória, são tidos como mitos vivos, são admirados, imitados, consultados por muitas pessoas. A história de vida desses fundadores se confunde com o da comunidade e por isso são sacralizados juntamente com a comunidade.

Conforme Silva (2008), os mitos revelam os diversos horizontes que nascem do sagrado ou do sobrenatural, manifestados na diversidade das pessoas, um paradigma do comportamento humano. Foi a 'bravura' dos fundadores, seu heroísmo (LOURENÇO; FERREIRA, 2012), que os tornaram mitos, suas ações que muitas vezes são vistas como manifestações do sobrenatural. É dessa forma, que o mito do fundador do MUR integra vários significados e os processos que o legitimam (LOURENÇO; FERREIRA, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SONHO ALÉM DO MITO

Neste trabalho, analisou-se o mito (do) fundador do Ministério Universidades Renovadas, por meio de observação participante no GOU (Grupo de Oração Universitário) Aliança com o Senhor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Destaca-se o papel do mito do Sonho, que é um elemento difundido pelos membros do MUR, que reforça e perpetua o mito do fundador, Fernando Galvani (Mococa), o qual é considerado uma pessoa muito iluminada, e que foi pela ação de Deus que ele fundou o MUR. Os participantes do movimento tentam, a exemplo de seu fundador, encher suas universidades com a doutrina do movimento, e mais que isso, segundo os membros entrevistados, o sonho visa à formação de pessoas, estudantes, profissionais melhores, éticos, preocupados com o social, preocupados com o futuro do mundo, da nação, pessoas conscientes politicamente, com responsabilidade ambiental e social.

Diante dos achados foi possível concluir que, o Sonho não é vivenciado pelos participantes do movimento somente durante o período de estudo, mas também na vida profissional. Muitos dos membros do MUR, incluindo os que frequentavam o GOU observado, eram graduados ou estavam fazendo pós-graduação. Também constatou-se que, quando o membro do MUR sai da universidade e vai para o mercado de trabalho, levam consigo os valores adquiridos ao longo da vida universitária, e aplicam esses valores a sua vida profissional.

O mito do fundador, no movimento estudado, entrelaça-se com a história fundante, o Sonho é um desdobramento do mito do fundador, não é possível mencionar um, sem mencionar o outro. A figura do fundador (Mococa) é percebida pelos participantes do movimento como um exemplo, uma prova que aquele ideal pode ser vivido na vida real, pelo fato do próprio fundador ter vivenciado as mesmas experiências, já ter feito esse caminho, e ainda hoje atuar ativamente no MUR, ser um profissional bem sucedido, respeitado no mercado em que atua. Porém, também foi identificado que o Sonho, o mito do fundador é adaptado as realidades de cada universidade, e que pode acontecer do ideal do movimento seja vivido explicitamente no ambiente do GOU e fora dele fique na mochila.

Um ponto interessante, é que muitos dos membros do MUR não conhecem o Mococa pessoalmente, só ouviram falar dele, mais o tem como um exemplo, um amigo. O mito do fundador vai além da fundação propriamente dita, ele se estende a cada membro, como algo que acontece na sua faculdade, com uma pessoa conhecida e por isso pessoal. Os membros do movimento destacaram que esses mitos que circundam o MUR tem a finalidade de estimular que seus membros sejam profissionais e pessoas dignas, que respeitem e se preocupem com outros. Por mais que o ideal não seja vivido plenamente em todos os lugares, os valores transmitidos aos universitários tendem a não se perder com a formatura, e não se restringir a universidade.

Sugere-se que em estudos futuros se realize um estudo empírico com membros e ex membros do MUR e se analise os efeitos na vida profissional do mito do fundador e o Sonho. Além disso, sugere-se investigar como a participação no Ministério Universidades Renovadas contribui para a formação profissional dos seus membros. Uma limitação do estudo foi a impossibilidade da realização das entrevistas com

todos os participantes de GOU's da universidade, pois os GOU's e os membros estão na universidade em dias e horários distintos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S.C; COUTO, C. S; LOPES, K. P. S. Cultura Organizacional em uma instituição de ensino superior. Congresso Internacional De Administração. **Anais**. Ponta Grossa, 2013. Disponível em: <<http://www.admpg.com.br/2013/down.php?id=6&q=1>> Acesso em: 10.06.2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPBELL, J. O poder do mito. **Associação Palas Athena, São Paulo**. 1988.

CAMPOS, D. apud MIRANDA, M. Ministério Universidades Renovadas ES. Vitória. Jun. 2010. Disponível em: <<http://melinemiranda.blogspot.com.br/2010/06/ministerio-universidades-renovadas-es.html>>. Acesso em: 18.11.2015.

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CHAUÍ, M. Brasil: mito fundador. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 19, p. 23-36, 2000.

CHO, J.; TRENT, A. Validity in qualitative research revisited. *Qualitative Research*. v. 6, n. 3, 2006. Disponível em: < https://study.sagepub.com/sites/default/files/Ch_8-3.pdf>. Acesso em 14/10/2015.

DALLA CHIESA, C.; FANTINEL, L. “Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia”: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”. VII ENEO. **Anais ... Gramado**, 2014.

DE LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T.; DAL PRÁ, K. R. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo (The documentation in the daily life intrevention of social workers: some considerations concerning the field diary). **Revista Textos & Contextos Porto Alegre** v, v. 6, n. 1, p. 93-104, 2007. Disponível em: <[http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/DI%C3%81RIO%20DE%20CAMPO%20\(1\).pdf](http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/DI%C3%81RIO%20DE%20CAMPO%20(1).pdf)>. Acesso em 14/10/2015.

DENZIN, N. K. The research act. In: **MANIS**, Jerome G. e MELTZER, Bernard N. *Symbolic interaction: a reader in social psychology*. 2. ed. Boston: Allyn and Bacon, 1972.

DOS SANTOS, Marcos Eduardo. **Da observação participante à pesquisa-ação: uma comparação epistemológica para estudos em administração**. 2004. Disponível em: <http://profmarcoseduardo.xpg.uol.com.br/pessoal/facef_pesq.pdf>. Acesso em 14.10.2015.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERREIRA, P. A. et al. Simbolismo Organizacional e o sentido da morte do fundador: um

estudo de caso. **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30º, SALVADOR. ANAIS ENANPAD, 2006.**

FERREIRA, P. A.; LOURENÇO, C. D. S.; OLIVEIRA, V. A. R. Os reflexos da morte do fundador sob os elementos culturais: uma análise em duas organizações familiares sob a perspectiva simbólica. **XI SemeAd: Empreendedorismo em organizações.** 2008. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/11semead/resultado/trabalhosPDF/452.pdf>>. Acesso em 23.06.2015.

FLICK, U. Observação, etnometodologia e métodos para dados visuais. In: FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRESHMAN, B. An Exploratory Analysis of definitions and Applications os spirituality in the workplace. **Journal of Organizational Change Management.** Vol. 12 Iss: 4, 1999. p.318 – 329. Disponível em: <<http://www.choixdecariere.com/pdf/6573/2010/Freshman1999.pdf> > Acesso em: 10/07/2015.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Cap. 3, p. 64-89.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara: Zahar, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. Atlas. São Paulo. 2008.

HENRIQUES, M. I. G.; GOMES, I. C. Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. **Psychê**, v. 9, n. 16, p. 183-196, 2005.

JARAMILLO, V. A. Criando Subjetividades do Trabalho: Implicações do Discurso Psicológico no Mundo do Trabalho e as Organizações. **Psicologia; Sociedade**, 25 v., 1 n., 2013. p. 185-192. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/20.pdf>> Acesso em: 18.06.2015.

JOÃO PAULO II, P. **Carta Encíclica Fides et Ratio.** São Paulo: Paulinas, 2ª edição, 1998. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>. Acesso em 08.10.2015.

KOENIG, H. G., GEORGE, L. K., & TITUS, P. (2004). Religion, spirituality, and health in medically ill hospitalized older patients. **Journal of American Geriatrics Society**, v. 52.n. 4. p. 54-562.

LÉVI-STRAUSS, C. 1975. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

LOURENÇO, C. D. S; FERREIRA, P. A. Cultura Organizacional e Mito Fundador: Um Estudo de Caso em uma Empresa Familiar. **Gestão & Regionalidade**, v. 28, n. 84, 2012. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/1630/1328> Acesso em: 10.06.2015.

MENDES, M. S. R. Xondaro - **Uma etnografia do mito e da dança Guarani como linguagens étnicas.** Dissertação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. 2006. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/82059_Mara.pdf> . Acesso em: 12. 06. 2015.

MINISTÉRIO UNIVERSIDADES RENOVADAS. Disponível em:
<www.universidadesrenovadas.com>. Acesso em: 16.06.2016.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. São Paulo: FEA-USP, v. 1, n. 3, p.01, 1996. (Caderno de Pesquisas em Administração). Disponível em:
<<http://www.regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 15.10.2015.

PEREIRA, A. C. S. et al. Desconstrução do Mito e Sucessão do Fundador em Empresas Familiares. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 5, p. 518-535, 2013.

PEREIRA, A. V. Há Fé na Terra da Razão: Livro reportagem sobre o Projeto Universidades Renovadas. Bauru: **VIDETUR-24**, 2003. Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur24/>>. Acesso em 15. 06.2015.

PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: articulações. **Revista de Estudos da Religião**. p. 68-83. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf>. Acesso em:15.07.2015.

ROCHA, E. P. G. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROSSATO NETO, F. J. Do mito do fundador ao mito do Édipo: possíveis contribuições psicanalíticas. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, v. 32, 2008.

SAAD, M.; MASIERO, D.; BATTISTELLA, L. R. ORIGINAL Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, v. 8, n. 1, p. 18-23, 2001. Disponível em:
<http://www.amebrasil.org.br/html/espirit_evidencias.pdf> Acesso em 07.10.2015.

SANTOS, I, S. **Dai-lhe vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal das Universidades Renovadas**. Belo Horizonte [s.n.], 2012.

SCHMITT, Elaine Cristina; LEAL, Anne Pinheiro. Liderança, Mito e Identificação: Faces do Controle Afetivo nas Organizações de Trabalho. **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30º, SALVADOR. ANAIS ENANPAD**. 2006. Disponível em: <
<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/764/Lideran%C3%A7a,%20Mito%20e%20Identifica%C3%A7%C3%A3o%20Faces%20do%20Controle%20Afetivo%20nas%20Organiza%C3%A7%C3%B5es%20de%20Trabalho.pdf?sequence=1>>. Acesso em 17.05.2015.

SILVA, P. J. **Cultura e mito nas organizações: análise dos sentidos construídos sobre a morte de Roberto Marinho**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Lavras. Disponível em:
<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11/contemporanea_n11_86_virgilio.pdf>. Acesso em: 14.05.2015.

SOUZA, M. Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. In: **CONGRESSO LUSO-AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel46/MeritiDeSouza.pdf>>. Acesso em 14.05.2015.

VALLE, Cláudia Netto. Txopai Itohã: mito fundador pataxó. **Acta Scientiarum, Maringá**, v.

23, n. 1, p. 61-68, 2001.

XAVIER, Wesley Silva. Mitos Fundadores, Tradições Inventadas e Sentidos de Cidade: Uma Incursão pela Velha e Nova Cataguases-MG. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, 2014.

ZANELLI, L.C.H. **Metodologia de Estudo e Pesquisa em Administração**. 2009. Disponível em <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mansano/downloads-para-disciplina-de-metodologia-da-pesquisa-ab/downloads/UAB_Metod_Livro_Base.pdf>. Acesso em 11.10.2015.